



# COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

---

## A curva do Mónaco; Conto de Verão

Pedro Mexia

Para citar este documento / To cite this document:

Pedro Mexia, "A curva do Mónaco; Conto de Verão", *Colóquio/Letras*, n.º 190, Set. 2015, p. 103-105.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

**A curva do Mónaco**

Príncipes, à noite, celebram o quê?  
Ou príncipes paralelos à noite, como o rio à cidade,  
amparado por dunas, rochedos, fortes, vivendas.  
Pequeno oceano estático para rapazes de Lisboa.

Corações ao alto seguíamos, intocáveis, fluviais,  
noctívagos, plácidos de algumas certezas  
e ainda mais ambições, grandiosos ou pedestres  
dependendo de fazermos ou não uma trégua irónica.  
Avançamos contra as luzes em sentido contrário,  
faróis destinados à capital, quem sabe  
com bustos de Napoleão no banco de trás.  
Tínhamos queimado a árvore da fraternidade,  
mas a árvore abstracta, regimental, compulsória,  
havia de ser diferente quando fosse a nossa vez,  
não obrigaríamos ninguém a nada.

Íamos em direcção conhecida mas desconhecíamos  
onde queríamos chegar, e também  
os obstáculos, a tua confiança ainda não  
implacável, a minha cobardia irrelevante, gentil.  
Em breve a crua luz do dia talvez impeça  
os disfarces: um príncipe e um monstro equivalem-se,  
um jovem é um moribundo levado em ombros.  
Mas a noite com seus artificios durou um fogacho ainda.

Há um tempo para Abel e outro para Caim, a questão  
dirigia-se ao futuro, como o automóvel nocturno  
que se lançava à Linha e à amizade,  
essa a que, certamente,  
fizemos um brinde sem malícia.  
E na paz tempestuosa dos vinte anos  
avisaste que à nossa frente a estrada fazia  
uma guinada acidentada, fatal,  
a que um príncipe trocista chamou, comovido,  
a curva do Mónaco.

## Conto de Verão

A meio da tarde mas como se fosse fim  
o papagaio em ziguezague puxado por cordas.

À varanda da infância a que voltei  
acompanho os primos, namorados, irmãos,

que correm na areia guiados pelo que  
verticalmente decerto lhes parece o céu

mas visto daqui é tão-só o alto,  
a vida própria ao vento violenta a vida

deles, dançam como âncora ou contrapeso  
ao artefacto vermelho que lhes escapa

embora o tenham bem preso, sopra onde quer,  
a maresia, constante e quase mansa

na folhagem, na bandeira, nas memórias.  
O rapaz tem firme nas mãos

o terrível brinquedo, indo ao chão  
como os pioneiros dos aeroplanos,

feliz na sua ciência, intrépido, determinado  
na expressão que porém não alcanço,

tão miúdo que cai e se levanta  
como se nada fosse, enquanto ela fica

deitada sempre que tropeça, ou quando  
ele lhe dá as rédeas por momentos.

Volteiam do relógio quase até ao farol,  
com uma mortal seriedade e alegria

que não compreendo, têm como fogo preso  
o seu caprichoso foguete, às vezes

o papagaio tem mais força do que dois  
adolescentes, e cumpre o seu papel,

imprevisível mas complacente, indomável  
mas seguro, subindo em volutas,

descendo a pique, vigia de uma praia  
quase inóspita a esta luz suave,

joguete sem tempo  
unindo quem só tem futuro ainda

e o passado que os observa e se faz  
assim remoto, armadilhado,

entre falsas recordações, vagos arquétipos,  
histórias hipotéticas, canções tristes.

Ficou o mundo em silêncio, veraneantes,  
automóveis, tudo o que acontece é

aquela coreografia que eles fazem  
para ninguém, nem um para o outro,

o rapaz tão calmo mesmo quando perde  
por instantes um combate, a menina

que diz frases que não ouço,  
esfuziante, ignorante, seminua,

e quando fecho a janela  
ela vê o papagaio cair e abre os braços.